



INNOVAÇÃO ABERTA
MAR 2024

BRASIL

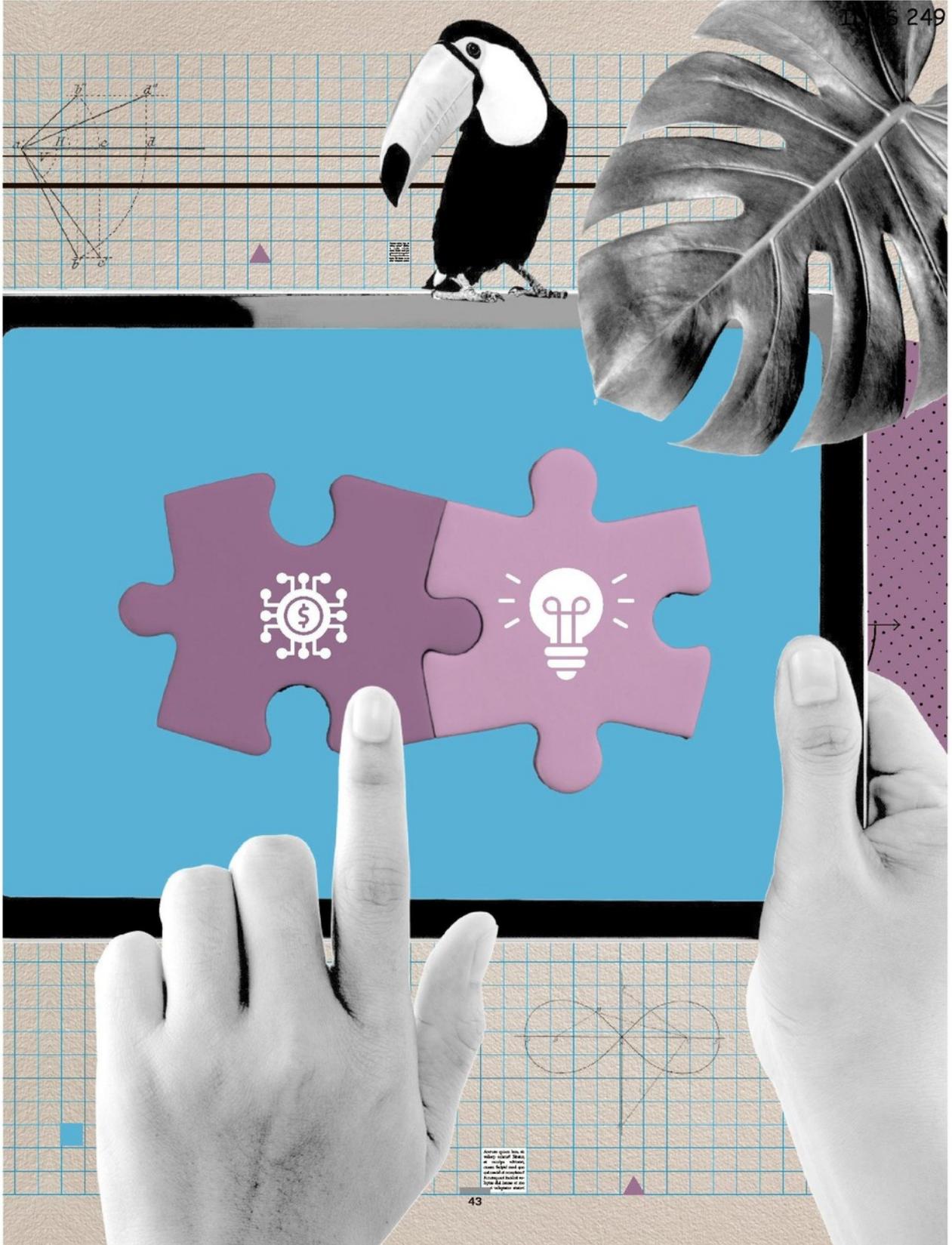
UMA PONTE PARA O FUTURO

AS PRINCIPAIS INICIATIVAS CORPORATIVAS DE VENTURE CAPITAL NO BRASIL SE ESTRUTURAM COM GOVERNANÇA INDEPENDENTE, FOCO E PACIÊNCIA PARA ESPERAR OS RESULTADOS

CAROLINE MARINO E MICHELE LOUREIRO

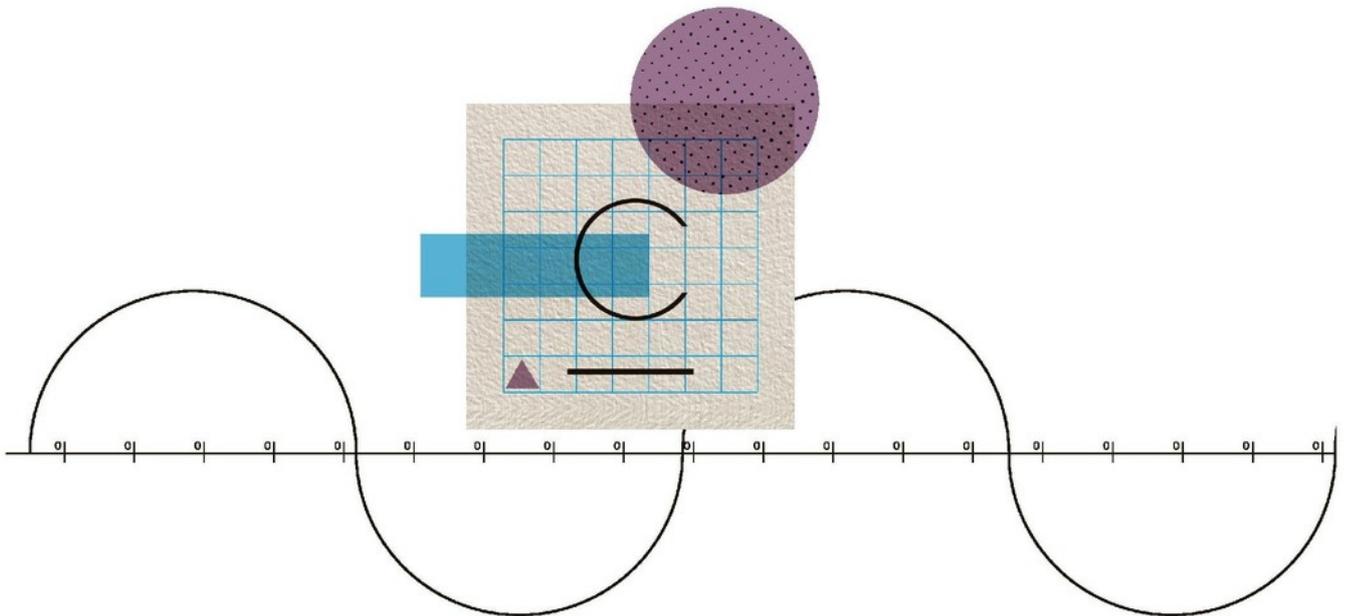
INÊS 249







 INOVAÇÃO ABERTA | BRASIL



COM POUCO MAIS de 80 fundos de corporate venture capital ativos, e 75% deles criados nos últimos três anos, o Brasil ainda pode ser considerado um novato em termos de investimentos corporativos diretos em startups. Mas os saltos de quantidade e qualidade dos últimos tempos dão indícios de que essa situação pode mudar em breve, com maior número de CVCs, aumento no volume de capital investido e, principalmente, práticas mais eficientes, lucrativas e sustentáveis.

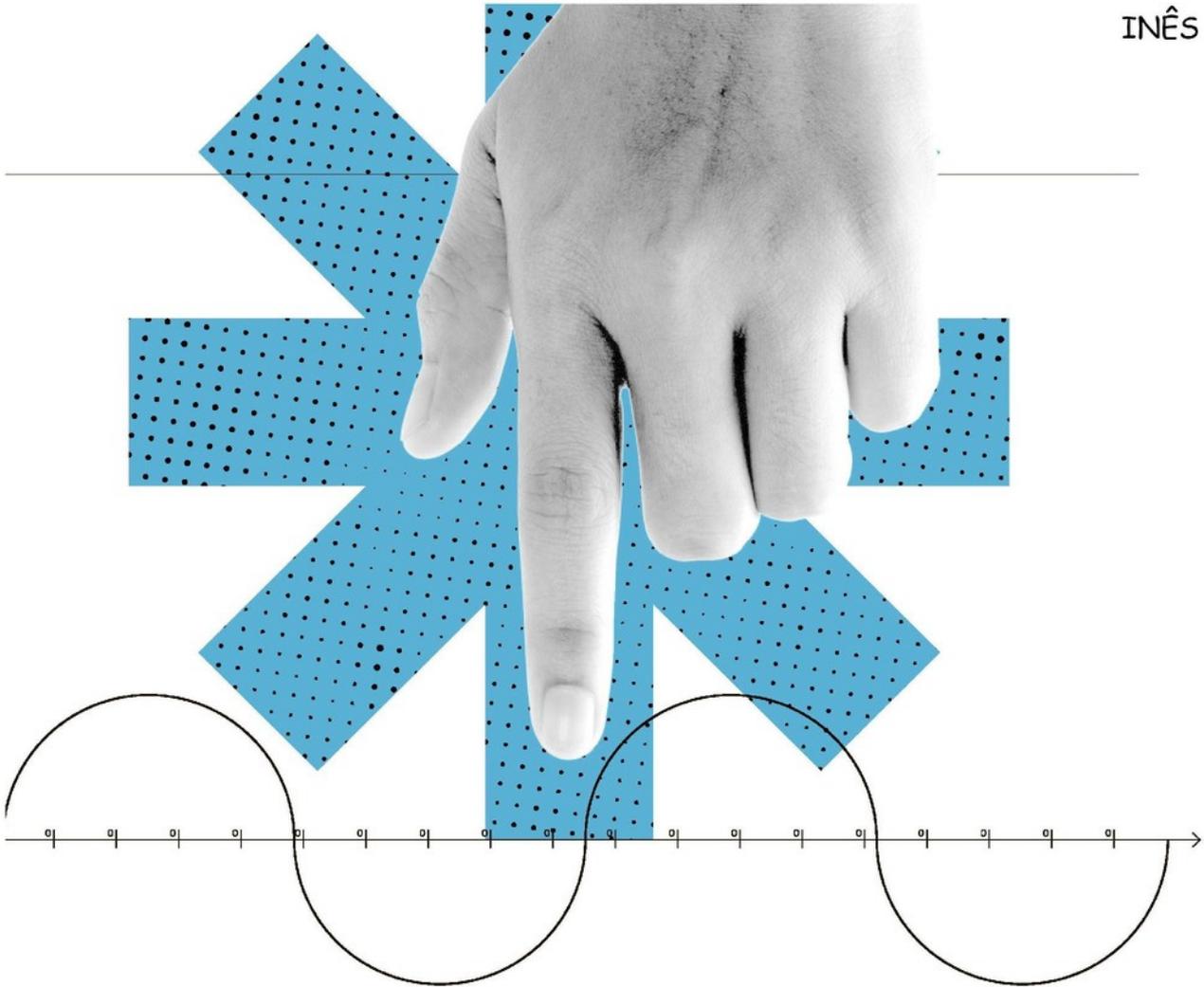
A relativa imaturidade dos fundos corporativos segue uma evolução histórica. Enquanto nos Estados Unidos as corporações (especialmente nas áreas de petróleo e gás) perceberam ainda nos anos 1970 que precisariam da parceria com empresas mais jovens para incorporar novas soluções, no resto do mundo o movimento foi mais lento. A Europa registra seus primeiros CVCs nos anos 1990; na Ásia, o movimento começa por volta de 2010. Na América

Latina, os primeiros fundos só aparecem em 2020. A razão, nesse caso, foi a necessidade de acelerar a transformação digital, para atender um consumidor cada vez mais conectado e concorrer com empresas altamente digitalizadas e disruptivas. Mais tarde, a pandemia aceleraria esse processo – o que explica o crescimento dos CVCs nacionais em 2021, com investimentos da ordem de US\$ 1,3 bilhão, e em 2022, com US\$ 925,6 milhões. Explica também o aumento da representatividade desse tipo de investimento, que saiu de 7,2%, em 2020, para 16,5% em 2023.

Em 2024, tudo indica que os fundos de corporate venture capital estejam próximos de dar mais um salto. No que se refere à quantidade de fundos, uma projeção feita pela Associação Brasileira de Corporate Venture Capital (ABCVC) mostra que a perspectiva é de que este mercado dobre até 2025. De acordo com Leo Monte, presidente da ABCVC, existem hoje cerca de cem fundos corporativos



INÊS 249



em formação nas empresas brasileiras, que devem se somar aos 80 já existentes. Já o capital investido também deve subir, pois 47% dos gestores separaram mais de 20% de seus recursos para rodadas futuras (follow ons).

A grande transformação, porém, deve acontecer na maneira como as empresas operam os fundos. Até 2023, 48% dos CVCs reservaram até US\$ 50 milhões para investir, segundo pesquisa do Global Corporate Venturing Institute (GCV). Agora, casos exemplares de sucesso no corporate venture capital nacional, como Eurofarma e Vivo, já ultrapassam esse limiar – enquanto outros, como Inovabra Ventures, vão bem além disso. Aportes maiores, especialmente se associados a rodadas com fundos de venture capital, costumam trazer resultados mais impactantes para as empresas, com retornos financeiros e estratégicos. Além disso, cheques mais robustos fazem com que as empresas possam entrar em rodadas maiores, não se restringindo

ao early stage e à Série A, como acontecia com frequência até 2022. Outro sinal de maturidade é a capacidade de investir em startups de outros países, em busca de soluções que acelerem os negócios da empresa investidora. Uma prática que já atende a grandes nomes da indústria, como Embraer e Gerdau.

Por fim, uma das maiores marcas de um CVC forte, independente e capaz de gerar resultados financeiros e estratégicos é a sua capacidade de operar de maneira autônoma, com estrutura e governança separadas da empresa-mãe – características de 44% dos fundos que estão sendo formados no Brasil hoje, segundo o GCV. Esse também é um traço comum a todos os fundos de corporate venture capital que você vai conferir a seguir nesta reportagem. Descubra nas próximas páginas como agem – e lucram – os fundos corporativos de Eurofarma, Vivo, Basf, Embraer, Gerdau, Sinqia, Inovabra, BV e Banco do Brasil.





INÊ

INOVAÇÃO ABERTA | BRASIL

ALÉM DO GENÉRICO

A EUROFARMA TEM DOIS FUNDOS ATIVOS E PREPARA UM TERCEIRO, VOLTADO PARA STARTUPS DISRUPTIVAS

Primeira farmacêutica a apostar em um fundo corporativo, a Eurofarma, com vendas superiores a R\$ 8 bilhões por ano, já obtém cerca de 30% de suas receitas com produtos advindos da inovação aberta. E quer ir além. Boa parte dos esforços em lançar produtos e serviços inovadores está nos dois programas de corporate venture capital (CVC) da companhia, que somam R\$ 545 milhões para investir em startups. “Apostamos na estratégia de aprender com quem já sabe, para não precisar reinventar a roda”, diz Martha Penna (à esquerda na foto), vice-presidente de Inovação da Eurofarma.

Em 2019, lançou seu primeiro fundo, o Neuron Ventures (de R\$ 45 milhões). Focado em healthtechs, já investiu em dez companhias e está prestes a completar seu ciclo de cinco anos. Startups como a Ocean Drop, que permite personalizar de forma simples, rápida e gratuita os suplementos para cada objetivo e necessidade do consumidor, e a The Men's, plataforma digital de saúde e qualidade de vida dos homens, estão na lista das contempladas com aportes.

Já o Eurofarma Ventures, anunciado em 2023 e com R\$ 500 milhões em caixa, é focado em biotecnologia. Até agora anunciou aportes em quatro companhias, três delas nos Estados Unidos. A expectativa é que nos próximos anos mais 25 biotechs recebam aportes. “Essa é uma área ainda em desenvolvimento no Brasil. Por isso, fomos buscar parceiros de fora e entramos como minoritários. A ideia é aprender”, diz Martha. A única companhia brasileira da lista é a Gen-t, fundada pela geneticista, pesquisadora e professora Lygia da Veiga Pereira, que está entre os maiores nomes da genética do mundo.

Para 2024, está previsto um terceiro fundo, com características diversas dos seus antecessores. “O novo fundo, que vamos lançar no ano que vem, está mais ligado ao horizonte 3 da inovação, é mais disruptivo. Vamos sair do nosso core, que hoje é desenvolver moléculas e criar medicamentos. A gente precisa olhar para outras áreas, até por uma questão de vantagem competitiva”, diz Erica Menezes (à direita na foto), head de Venture Capital Corporativo da Eurofarma (veja entrevista na pág. 86).



EMPRESA: Eurofarma

FUNDOS DE CVC: Neuron Ventures (com R\$ 45 milhões) e Eurofarma Ventures (R\$ 500 milhões)

VALOR PARA INVESTIR: R\$ 545 milhões

INVESTIMENTOS: 14 startups como a Gen-T, plataforma de pesquisa do genoma dos brasileiros, e a Ocean Drop, que permite personalizar suplementos para cada objetivo e necessidade do consumidor









INÊS 249

UM É POUCO, DOIS É BOM

PIONEIRA NO MERCADO DE CVC BRASILEIRO, A VIVO HOJE TEM DOIS FUNDOS PRÓPRIOS – O WAYRA, DEDICADO A SEED CAPITAL, E O VENTURES, PARA AJUDAR A EMPRESA A SE TORNAR UM HUB DE SERVIÇOS DIGITAIS

Um dos primeiros fundos corporativos do Brasil nasceu dentro da operação brasileira da Vivo em 2011. Mistura de aceleradora e CVC, a Wayra deixou sua marca na história do ecossistema de inovação brasileiro. Em 12 anos de atuação, fez aportes em 84 startups, uma média de sete negócios por ano, totalizando R\$ 30 milhões. O portfólio atual tem valor de mercado de R\$ 2,3 bilhões. “Deu muito certo”, diz Rodrigo Gruner, diretor-executivo de inovação, novos negócios e consumer electronics da Vivo. “Hoje temos cases como a Gupy, de serviços digitais de RH, e a Trocafone, de compra e venda de celulares usados, com soluções usadas amplamente na empresa. Mas em algum momento o grupo viu que poderia ir além das startups early stage e decidiu criar a Vivo Ventures.”

No corporate venture, estruturado em 2022 com caixa de R\$ 320 milhões, o foco está em investimentos Séries A e B nas verticais consideradas importantes para o desenvolvimento de novos negócios: fintechs, healthtechs, edtechs, casa inteligente e energia. A meta é consolidar a Vivo como um hub de serviços digitais. Em 2023, a empresa faturou R\$ 3,4 bilhões só em serviços para o setor corporativo – cibersegurança, big data e IoT –, 25% a mais que o ano anterior. Agora a proposta é fortalecer ainda mais outras frentes de negócios, de tecnologias para casa inteligente a serviços financeiros.

Até o momento, a Vivo Ventures fez quatro investimentos. Foram R\$ 15 milhões para a Klavi, plataforma de open finance, e outros R\$ 10 milhões para o Klubi, que opera como administradora de consórcios. Houve aportes também na Digibee (R\$ 14,3 milhões), focada em sistemas tecnológicos, e na Conexa (R\$ 25 milhões), maior ecossistema digital de saúde da América Latina. “Nunca vamos deixar de investir no core da organização, em questões como ampliação e construção de rede, mas o foco agora é entender como criar outras avenidas de crescimento. É nesse contexto que está a Vivo Ventures”, afirma Gruner.



EMPRESA: Vivo

FUNDOS DE CVC: Wayra e Vivo Ventures

VALOR PARA INVESTIR: R\$ 320 milhões

INVESTIMENTOS: 88 startups, entre elas a Gupy, de serviços digitais de RH, no caso da Wayra, e a Conexa, maior ecossistema digital de saúde da América Latina, no caso da Vivo Ventures





INOVAÇÃO ABERTA | BRASIL

DE OLHO NO BRASIL

MAIOR FABRICANTE DE PRODUTOS QUÍMICOS DO MUNDO, A BASF BUSCA NA AMÉRICA DO SUL NOVAS OPÇÕES PARA APORTES DO SEU FUNDO DE CORPORATE VENTURE CAPITAL

Em 2019, a alemã Basf decidiu criar um fundo de corporate venture capital com base no Brasil. A decisão baseou-se, entre outros pontos, no potencial da América do Sul para trazer vantagens competitivas à empresa, principalmente considerando a força do seu agronegócio – uma de suas unidades de negócio mais importantes. Entre as áreas foco do Basf Venture Capital (BVC) estão a digitalização dos processos, o controle biológico das pragas e a agricultura regenerativa –, além de um olhar atento aos negócios com capacidade de impactar positivamente o meio ambiente.

O primeiro investimento da companhia por aqui foi em 2022: a escolhida foi a Traive, startup com operações no Brasil e nos Estados Unidos que desenvolve infraestrutura

tecnológica para serviços financeiros baseada em inteligência artificial. A Basf liderou uma rodada de US\$ 10 milhões destinada à empresa. No início de 2024, o Conecta.ag, ecossistema digital aberto da empresa, fechou uma parceria com a startup Grão Direto, plataforma de comercialização de grãos. A Basf se tornou sócia com a saída de um acionista minoritário. A iniciativa está voltada para a oferta de soluções digitais para a compra e venda de grãos. A Basf Venture Capital também investiu US\$ 4 milhões em um fundo de venture capital administrado pela gestora brasileira SP Ventures.

A Basf prefere não revelar o total do investimento no continente. “Não existe um budget por região ou uma tese específica. Investimos nos melhores negócios disponíveis globalmente”, diz Karime Hajar, senior investment Manager da Basf Venture Capital. “Podemos comparar, por exemplo, uma oportunidade de investimento no Brasil com ofertas semelhantes nos principais hubs de empreendedorismo do mundo, como Vale do Silício, Israel e China.”

A executiva explica que as parcerias são sempre feitas com startups mais maduras. “Participamos de rodadas Séries A e B, sendo que o menor cheque é de US\$ 1 milhão”, afirma. A análise das oportunidades é feita por uma equipe global composta por 17 pessoas distribuídas em diferentes países, incluindo Brasil e Estados Unidos. “Também estou sempre conversando com as demais áreas da empresa e com fundos de venture capital e private equity para mapear oportunidades. Essa indústria trabalha muito em colaboração”, completa.



EMPRESA: Basf

FUNDO DE CVC: Basf Venture Capital (BVC)

VALOR PARA INVESTIR: Não revela

INVESTIMENTOS: 18 startups, duas delas no Brasil: a Grão Direto, plataforma de comercialização digital de grãos, e a Traive, startup que desenvolve infraestrutura tecnológica para serviços financeiros baseada em inteligência artificial









INE

O FUTURO É AGORA

A EMBRAER VENTURES BUSCA INVESTIR EM STARTUPS QUE ESTÃO CONSTRUINDO NOVAS SOLUÇÕES COM FOCO EM ÁREAS COMO EMISSÃO ZERO, VOO AUTÔNOMO, INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E INDÚSTRIA 4.0

Na Embraer, o programa de corporate venture capital, com um cheque de R\$ 225 milhões, é mais do que uma estratégia para aproximar a empresa de startups inovadoras. O fundo também tem como missão fazer com que a companhia lidere tendências que podem se tornar dominantes em determinadas áreas nos próximos anos. “Quando olhamos para o futuro, não sabemos exatamente o que esperar, mas o CVC nos permite entrar em mercados que estão experimentando o futuro agora”, diz Leonardo Garnica, líder de inovação corporativa da Embraer.

O Embraer Ventures, criado em 2014, contempla três fundos, dois deles sediados no Vale do Silício e um no Brasil. “Não podemos fazer 20 joint ventures, mas com o Embraer Ventures já conseguimos investir em 40 empresas, sendo que em 27 delas temos o aporte em andamento”, afirma Garnica. “Assim conseguimos acelerar o entendimento de novas tecnologias e a participação em frentes fundamentais para nossos negócios.”

As apostas começaram em 2014, com um fundo que tinha parceiros como BNDES e Finep, e ultrapassaram as fronteiras brasileiras nos últimos anos, com aportes que partem do Vale do Silício para o mundo. “Nossa taxa de retorno atual é de duas vezes o valor investido. Isso sem contar a questão estratégica”, explica o executivo. A Embraer já investiu em startups com soluções focadas em emissão zero, voo autônomo, inteligência artificial, indústria 4.0, segurança cibernética e experiência do passageiro. Entre os exemplos estão a XMobots, referência em desenvolvimento de robótica móvel e drones, a Tempest, especializada em cibersegurança, e a Elroy Air, para transporte não tripulado de cargas aéreas. A empresa aderiu ao Sustainable Flight Fund, uma iniciativa da United Airlines Ventures (UAV), para impulsionar o fornecimento e a disponibilidade de combustível de aviação sustentável (SAF), por meio de investimentos em startups inovadoras. O fundo conta com 22 parceiros que vão aportar US\$ 200 milhões.



EMPRESA: Embraer

FUNDO DE CVC: Embraer Ventures

VALOR PARA INVESTIR: R\$ 225 milhões

INVESTIMENTOS: 40 startups (27 com aporte em andamento) como XMobots, referência em desenvolvimento de robótica móvel e drones, e Tempest, especializada em cibersegurança





INOVAÇÃO ABERTA | BRASIL

ALVOS DENTRO E FORA DO PAÍS

COM ATUAÇÃO GLOBAL, A GERDAU AMPLIOU A BUSCA DE STARTUPS PARA PAÍSES COMO OS ESTADOS UNIDOS E O MÉXICO

Em 2020, a centenária siderúrgica Gerdau decidiu diversificar sua ação em áreas como construção, sustentabilidade, mobilidade e tecnologia. Para isso criou um braço de negócios, o Gerdau Next, voltado exclusivamente para o desenvolvimento de novos produtos. Além do trabalho em colaboração com universidades e corporações, a divisão se apoia no Gerdau Next Ventures, fundo de corporate venture capital criado para acelerar a transformação da companhia, que faturou R\$ 82,4 bilhões em 2022.

Com atuação global, a Gerdau também ampliou a busca de startups para outras regiões do mundo: com isso, chegou a analisar 1,5 mil oportunidades em 2023. Com caixa inicial de US\$ 80 milhões, a empresa investiu todo o montante em dez empresas. Entre as escolhidas

estão as americanas Plant Prefab, especializada na construção de casas pré-fabricadas com premissas sustentáveis, e a Docket, que atua na busca, gestão e pré-análise de documentos jurídicos para agilizar o processo de venda, incorporação e construção. “Esse investimento reflete nosso compromisso em impulsionar o crescimento do mercado de casas pré-fabricadas sustentáveis”, diz Juliano Prado, vice-presidente da Gerdau e líder da Gerdau Next. Esta última participou do programa de aceleração da companhia em 2021 e recebeu dois investimentos de lá para cá: um minoritário, no início, e um mais robusto, de R\$ 110 milhões, numa rodada liderada pela Gerdau Ventures em parceria

com a Inovabra Ventures, o braço de venture capital do Bradesco.

A empresa não revela quanto pretende investir em novos fundos. Mas as buscas por oportunidades continuarão intensas, explica Arthur Alves (foto), líder da Gerdau Next Ventures. “Tornou-se uma iniciativa perene na companhia”, afirma Alves. Segundo o executivo, os planos da corporação incluem um olhar mais criterioso para as questões de sustentabilidade, com o objetivo de reduzir as emissões para 0,82 tonelada de CO₂ por tonelada de aço até 2031, e atingir a neutralidade em 2050.



EMPRESA: Gerdau

FUNDO DE CVC: Gerdau Next Ventures

VALOR PARA INVESTIR: inicialmente US\$ 80 milhões.

A empresa não revela o valor dos próximos fundos

INVESTIMENTOS: dez empresas, como a Aifleet, que atua com gestão inteligente de frota, e a Plant Prefab, especializada na construção de casas pré-fabricadas com premissas sustentáveis









SEM FRONTEIRAS

CRIADO EM 2021, O CVC DA SINQIA JÁ INVESTIU MAIS DE R\$ 30 MILHÕES EM STARTUPS – O PRÓXIMO PASSO É EXPANDIR PARA A AMÉRICA LATINA

A Sinqia, empresa de tecnologia para o setor financeiro, já colheu resultados concretos de seus investimentos em inovação aberta: uma economia de R\$ 1,5 milhão em processos mais eficientes, de 2022 até o início de 2024, e um acréscimo de R\$ 4 milhões na receita em 2023. Boa parte desses valores foi gerada por meio do Torq, programa de corporate venture capital (CVC) da companhia, que teve uma receita líquida de R\$ 616,5 milhões em 2022 (a empresa não disponibilizou os resultados de 2023).

Criado em 2021, o fundo tem como meta funcionar como um radar das tecnologias que estão despontando e podem ser utilizadas para melhorar a operação e diversificar seu portfólio. “É uma estratégia para estar à frente dos movimentos do mercado e trazer elementos de fora para questões que não conseguiríamos resolver internamente, por falta de tempo ou expertise”, diz

Juliana Innecco, head do Torq Ventures. A iniciativa recebeu R\$ 50 milhões para investir em startups, e gastou R\$ 40 milhões nos primeiros dois anos. Para a próxima fase, a Sinqia não abre o montante, mas garante que o caixa é mais robusto.

Um dos destaques é a parceria com a catarinense CashWay, startup voltada ao banking as a service (BaaS). Em 2021, a Sinqia investiu R\$ 1,5 milhão na empresa, com o intuito de atender às cooperativas de crédito. A ideia é oferecer uma

plataforma com serviços como hub de pagamentos, compliance, Pix e open finance. Já em 2022, investiu R\$ 3,1 milhões na Data Rudder, startup de IA que desenvolveu algoritmos capazes de detectar fraudes em transações Pix, por exemplo.

As startups passam pela avaliação de um comitê formado por conselheiros da empresa, investidores e especialistas, de acordo com a área da possível investida. “A alta liderança precisa acreditar no CVC e entender que é um investimento de longo prazo, e há riscos. Do contrário, será visto como despesa. E quando as coisas ficam difíceis, as despesas são as primeiras a serem cortadas”, diz.

Em novembro de 2023, a Sinqia foi comprada pela fintech Evertect, com sede em Porto Rico e valor de mercado de US\$ 2,6 bilhões. Com a fusão, o Torq agora deverá rever os segmentos que ganharão foco nas próximas rodadas. Outro passo é iniciar a expansão do CVC para a América Latina.



EMPRESA: Sinqia

FUNDO DE CVC: Torq

VALOR PARA INVESTIR: Não revela

INVESTIMENTOS: quatro startups, como a Data Rudder, startup de IA especializada em prevenção a fraudes, e a CashWay, startup voltada ao banking as a service





INOVAÇÃO ABERTA | BRASIL

RETORNO ESTRATÉGICO E FINANCEIRO

COM O INOVABRA VENTURES, O BRADESCO JÁ INVESTIU R\$ 1 BILHÃO EM 20 EMPRESAS – E DESCOBRIU QUE PODE RESOLVER PROBLEMAS DO NEGÓCIO E GANHAR DINHEIRO AO MESMO TEMPO

Mapear o passado de pessoas físicas e jurídicas é um processo que costumava levar dias dentro do Bradesco. Em breve poderá ser feito em até cinco minutos. A mudança se tornou possível depois que o banco usou seu fundo de corporate venture para investir R\$ 17 milhões na Exato Digital, plataforma de checagem de background que usa inteligência artificial para acelerar processos. Nos últimos sete anos, outras 19 startups também receberam aportes do Inovabra Ventures – braço de CVC da Inovabra, o hub de inovação do banco –, levando o valor total dos aportes a R\$ 1 bilhão.

Rafael Padilha, diretor de Private Equity e Venture Capital do Bradesco, afirma que os retornos têm sido acima do esperado. “Além dos ganhos financeiros, conseguimos aproximar a organização do ecossistema de inovação para acelerar a adoção de novas tecnologias. Tanto que grande parte das nossas investidas têm o Bradesco ou companhias do grupo como cliente ou parceiro”, diz.

Com um dos maiores programas de corporate venture capital (CVC) do país, o banco mantém um time de 15 profissionais atuando como olheiros, em busca de oportunidades no venture capital. No começo de 2024, a gestora aportou R\$ 35 milhões na Tenchi Security, especializada em gestão de riscos cibernéticos de terceiros, que monitora as relações com for-

necedores de tecnologia em tempo real. O investimento foi feito em conjunto com a L4 Venture Builder, veículo de VC da B3, e a Accenture. “O fundo prioriza verticais que tangenciam as atividades do Bradesco ou que solucionam necessidades específicas. Alguns exemplos de setores alvo são big data, IA, agtechs, saúde, seguros, meios de pagamentos e cibersegurança”, diz o executivo.

Para Padilha, apesar de ainda estar em estágio inicial no Brasil, o mercado de corporate venture deve crescer devido à grande sinergia entre as iniciativas de inovação aberta das corporações e as startups. Mas há pontos de atenção. “Os desafios passam por formar e manter equipes especializadas, educar os colaboradores, estabelecer metas e alinhar expectativas compatíveis com um investimento de longo prazo. E, principalmente, desenvolver métricas que considerem não apenas o retorno financeiro, mas também o estratégico”, finaliza.



EMPRESA: Bradesco

FUNDO DE CVC: Inovabra Ventures

VALOR PARA INVESTIR: Dedicou R\$ 1 bilhão em sete anos

INVESTIMENTOS: 20 startups, como a Tenchi Security, empresa especializada em gestão de riscos cibernéticos de terceiros, e a Exato Digital, plataforma de checagem de background que usa inteligência artificial







INOVAÇÃO ABERTA | BRASIL



UMA REDE DE NEGÓCIOS

O BANCO BV CONTA COM 250 EMPRESAS CONECTADAS, 13 INVESTIDAS E 40 CONTRATOS ATIVOS



EMPRESA: BV

FUNDO DE CVC: BVx

VALOR PARA INVESTIR: Não revela

INVESTIMENTOS: 13 empresas, como a Méliuz, plataforma de descontos e cashback, a Facio, que faz antecipação de salário e programas de educação financeira para funcionários, e a Deep ESG

Entre as iniciativas do Banco BV para se aproximar de startups está o BVx, ecossistema de inovação e parcerias digitais criado em 2023, com atuação em frentes como corporate venture capital, inovação aberta, open finance, banking as a service e relacionamento com o ecossistema brasileiro. “Com o CVC, é possível acelerar o tempo e os movimentos, e testar rapidamente soluções e ferramentas. É um ótimo meio de trabalhar com as incertezas”, afirma Eduardo Brussi, co-head de M&A, CVC e gestão de portfólio do BV. No radar da instituição estão temas como tokenização, blockchain, inteligência artificial generativa e todas as questões relacionadas ao real digital (Drex).

Os resultados já aparecem. Em 2023, a empresa fechou quatro vezes mais parcerias com startups do que no ano anterior, e a conversão de negócios conectados em contratos ativos foi de quase 80%. Atualmente, são 250 empresas conectadas, 13 investidas e 40 contratos ativos. Um dos projetos de maior sucesso é o investimento no Portal Solar. Depois de um aporte inicial em 2019, a empresa foi adquirida em 2021. Como resultado, o BV alcançou uma carteira de crédito de quase R\$ 5 milhões. Outro destaque foi o aporte na fintech israelense Innovative Assessment, que fornece uma solução inovadora de score de crédito e já gerou mais de R\$ 100 milhões em contratos novos ao BV. Brussi cita

ainda a Dr. Cash, fintech de crédito especializada no setor de beleza e bem-estar, que até agora gerou uma carteira em torno de R\$ 330 milhões em financiamentos de procedimentos odontológicos, estéticos e oftalmológicos.

Segundo o executivo, em 2023 foram analisadas em torno de 1,2 mil empresas – destas, pelo menos 900 procuraram o BV. Para descobrir novas oportunidades, o executivo está sempre em contato com os times. “Sou como uma antena interna para identificar dores, problemas e possíveis soluções”, afirma.





RISCO CALCULADO

O BB VENTURES JÁ INVESTIU EM 49 EMPRESAS, TODAS STARTUPS QUE JÁ VALIDARAM SEUS PRODUTOS



EMPRESA: Banco do Brasil

FUNDOS DE CVC: BB Ventures composto por 5 fundos (três multicotistas e dois exclusivos)

VALOR PARA INVESTIR: R\$ 200 milhões (total)

INVESTIMENTOS: 49 startups como a Yours Bank, plataforma que incentiva a educação financeira de jovens; BWS/Bitfy, de soluções de infraestrutura de blockchain e tokenização de ativos

Para melhorar os produtos e serviços que apoiam a cadeia do setor agrícola, o Banco do Brasil investiu recentemente R\$ 20 milhões na startup Traive, que desenvolve infraestrutura tecnológica para serviços financeiros. A fintech criou uma plataforma dedicada ao agronegócio, o que deve ajudar o banco a conceder crédito para o setor. Esta foi a empresa de número 49 a receber aportes dos cinco programas de Corporate Venture Capital (CVC) da instituição, que, juntos, somam R\$ 200 milhões. A gestão do BB Ventures é terceirizada para a Vox Capital.

“Sabemos que os desafios nem sempre serão solucionados dentro de casa”, diz Rodrigo Vasconcelos, diretor de negócios digitais do Banco do Brasil. “Mais do que o

potencial de integração das soluções da startup com as nossas operações, buscamos empreendedores alinhados à nossa visão de futuro.” O BB possui três fundos multicotistas e dois exclusivos e, desde 2020, realiza aportes em fintechs, agtechs e govtechs. Na lista estão nomes como Yours Bank, plataforma que incentiva a educação financeira de jovens; BWS/Bitfy, de soluções de infraestrutura de blockchain e tokenização de ativos; e Aprova Digital, que otimiza processos administrativos de prefeituras, secretarias e autarquias.

Para Vasconcelos, o mercado de CVC brasileiro vive uma fase de crescimento expressivo, pois as teses de invest

timento desses programas são mais resilientes aos ciclos macroeconômicos. Visando menos riscos, o banco aposta apenas em startups nos estágios seed e série A, que já possuem modelos de negócios e produtos validados, com clientes utilizando as soluções e geração de receita ativa. “Estamos sempre buscando um posicionamento de vanguarda, mas queremos ter certeza da rentabilidade dos investimentos realizados”, diz o executivo.

